

POR UMA HISTÓRIA RIZOMÁTICA: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS SOBRE A PRÁTICA DE UMA CARTOGRAFIA

*Cleusa Maria Gomes Graebin**
prcleusa@unilasalle.edu.br

*Danielle Heberle Viegas***
danielle.viegas@hotmail.com

RESUMO: O artigo pretende compartilhar apontamentos teórico-metodológicos incorporados em pesquisa desenvolvida em uma cidade metropolitana do Sul do Brasil. O trabalho apoiou-se nos estudos desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari. A principal ideia adotada reside na prática de uma cartografia que se vale, prioritariamente, do uso de depoimentos orais. São problematizados os conceitos de tempo, memória e subjetividade, desdobrados em estudo de caso que aspirou investigar a construção de territórios de existência de moradores de um bairro específico da cidade elencada, a partir do processo de urbanização que (re)configurou a região após a década de 1960.

PALAVRAS-CHAVE: História rizomática, Migração, Cartografia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao desenhar o nosso próprio caminho, desdobrado em algumas páginas deste texto, voltamo-nos para questões que pediram passagem em nossa trajetória como historiadoras: o estudo temático de uma cidade metropolitana e a discussão sobre meios de abordagem da(s) realidade(s) passada(s) a partir de perspectivas pouco usuais à História, embora já consolidadas em

* Doutora em História (UNISINOS, RS). Professora do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais e do curso de História do Unilasalle (Canoas). Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico La Salle.

** Mestre em História (PUCRS). Licenciada e Bacharel em História (Unilasalle, RS). Participou, como pesquisadora associada do Projeto “Canoas, para lembrar quem somos: Bairro de Fátima” (Unilasalle/Prefeitura de Canoas).

áreas de diálogo, como a Educação e a Psicologia. Reportamo-nos, assim, ao pensamento do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) e de seu principal parceiro de escrita, o psicanalista Félix Guattari (1930-1992), refletindo sobre os possíveis usos e implicações de suas propostas para os estudos históricos.

A pesquisa exposta por meio do presente artigo teve como objetivo principal investigar a construção de territórios de existência dos moradores de um bairro específico de cidade metropolitana do Sul do Brasil. O problema de pesquisa esteve centrado nos processos de urbanização, (i)migração e metropolização que, compreendidos sob uma ótica relacional, se tornaram chaves de acesso para a análise da formação histórica da região a partir da década de 1960.

Após essas colocações iniciais, anunciamos que o texto está configurado como um exercício teórico-metodológico. Tal exercício, no entanto, não se presta somente a narrar caminhos e conceitos: foi adotado na realização de estudo de caso, apresentado ao final do artigo.

Organizamos o texto da seguinte forma: primeiramente, compartilhamos o nosso contato inicial com o tema de pesquisa. A aproximação foi estabelecida por meio de alguns trajetos realizados em nossa cidade-objeto (que tão logo será revelada). Nesse sentido, lançamos mão de diário de bordo, exposto na primeira seção do artigo. Igualmente, anunciamos problemáticas de pesquisa baseadas na escolha por uma localidade dentro da urbe que percorremos. Adiantamos, ainda, algumas das ferramentas teóricas que dão suporte a nossa prática de trabalho, como as referências feitas em relação a *linhas e agenciamentos* e às noções de *territorialização, desterritorialização e reterritorialização*.

A segunda seção do trabalho foi elaborada, partindo da justificativa de que é necessário o estabelecimento de uma revisão bibliográfica através da qual sejam apontados estudos que compartilhem a mesma perspectiva aqui incorporada. Também, julgou-se imprescindível a composição de um *background* sobre preceitos que fundamentam os trabalhos elaborados em conjunto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, como o conceito de *rizoma* e a indicação de uma *teoria das multiplicidades*. A obra de consulta para essa pesquisa foi aquela que os pensadores intitularam de “*Mil Platôs*”¹, publicada originalmente na França, em 1980.

Na terceira seção – que antecede a exposição do estudo de caso realizado – demonstramos, especificamente, proposições para a prática de uma cartografia em História. As categorias de *memória* e *subjetividade* são problematizadas e diretamente relacionadas com o uso de depoimentos orais, nossas principais fontes de pesquisa.

Finalmente, na última parte do artigo, trazemos o estudo de caso realizado, nossa experiência de cartografia. Propomos uma análise histórica da urbanização de um bairro a partir das noções de *linhas* e *agenciamentos* que, por sua vez, legitimam movimentos de *territorialização*, *desterritorialização* e *reterritorialização* na localidade. Mapas de falas foram compostos e são compartilhados. Pontos construtores de “histórias oficiais” são abandonados em prol de linhas que guardaram, elas próprias, seus componentes de metamorfose e tomaram tantas outras regiões, além da estudada.

À quarta seção, segue-se a Conclusão, quando reiteramos reflexões expostas ao longo do texto. São indicadas, ainda, contribuições de ideias de Deleuze e Guattari para a História bem como novas trajetórias permitidas para caminhos já comuns à disciplina.

1. A DESCOBERTA DE UM TERRITÓRIO METROPOLITANO NO SUL DO BRASIL

Quem está falando aqui: historiadoras que caminham pelas ruas de sua cidade, que não é uma capital. Ao acompanharmos com o olhar a paisagem, visualizamos a *highway* que corta a cidade e, seguindo a rota sugerida pelo desenho urbano, vislumbramos o horizonte de uma metrópole não muito distante. A sensação de que somos acometidas fornece motivação para os primeiros traços de nossa pesquisa.

Em nossos trajetos, experimentamos os aspectos sensíveis do pulsar urbano, suas sonoridades, espaços, simbolismos, virtualidades e movimentos. Não deixamos de observar os condomínios fechados e as ruas vazias, procurando por elementos que, ao mesmo tempo, permanecem e escapam por entre portas e janelas. Queremos tratar de acompanhar o movimento de construção de realidades que percebemos ao nosso redor. Sabemos que a passagem sob a qual caminhamos está erguida sobre a BR-116 para unir mais do que bairros de uma cidade transpassada pela rodovia, por uma ferrovia e pela linha do metrô. Unem-se e separam-se subjetividades, sobretudo.

Seguindo o nosso trajeto, permitimos que nosso pensamento fosse mesclado com alguns personagens e trilhas sonoras, que se tornaram nossos fatores de a(fe)tivação em relação à paisagem. “A cidade não pára, a cidade só cresce” (SCIENCE, 1994): migrações. “Nossa cidade é tão pequena e tão ingênua, estamos longe demais das capitais” (GESSINGER, 1986): metropolização. E nos lembramos, também, de Marcovaldo, o trabalhador da cidade de Ítalo Calvino. Quando Marcovaldo observou alguns cogumelos rompendo um canteiro da parada de ônibus, aquele “mundo cinzento e miserável” (1994, p. 8) que o cercava pareceu romper-se junto: urbanização.

Revelamos, agora, a nossa paisagem de percurso e pesquisa: a cidade de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Dentro desse Município, elencamos uma localidade, em especial, para compormos um estudo de caso: o Bairro de Fátima, situado na zona oeste da cidade.

Esse bairro, entre outros de Canoas, recebeu grande leva de migrantes e imigrantes a partir da década de 1960, no contexto do “capitalismo mundial integrado” (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Esses (i)migrantes passaram a residir em Canoas, mas trabalhavam em Porto Alegre, fator determinante para que a localidade fosse associada, rapidamente, à tipologia de “cidade-dormitório”.

A reflexão que emerge do movimento que estamos realizando (e relatando) – compartilhada aqui tal como em um diário de bordo – é a de como um território pode ser marcado pela urbanização. E ainda: como determinadas expressividades urbanas são capazes de formar territórios de existência. É assim que vamos, de imediato, ao encontro dos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari os quais nos indicam que um território de existência só existe quando lhe é conferida alguma expressividade (1997, p. 121). Nesse sentido, referir-se à investigação de territórios de existência é sinônimo de analisar como um determinado conjunto de práticas, legitimadas por expressividades específicas, territorializam um espaço conferindo-lhe significado para, em outro momento, desterritorializá-lo da expressão que lhe dava sentido anteriormente.

Articulando essas primeiras indicações ao tema eleito para a pesquisa, perguntamos: como as pessoas construíram seus territórios de existência a partir da urbanização do Bairro de Fátima? Como compreenderam o processo de metropolização da região? E mais: quais rupturas e continuidades desse processo podemos rastrear através de seus depoimentos orais?

Para Deleuze e Guattari, os espaços, as pessoas, as formações históricas e os grupos são atravessados por linhas. Segundo os autores, são três espécies de linhas: linhas de segmento, linhas moleculares e linhas de fuga. Eles relacionam cada uma dessas linhas a movimentos específicos de territorialização/reterritorialização/desterritorialização e comentam (1997a, p. 222):

Não só as linhas de segmentos que nos cortam, e nos impõem as estrias de um espaço homogêneo; também as linhas moleculares, que já carregam seus micro-buracos negros; por último, as próprias linhas de fuga, que sempre ameaçam abandonar suas potencialidades criadoras para transformar-se em linha de morte, em linha de destruição pura e simples (fascismo).

Estudar territórios de existência com Deleuze e Guattari é estudar essas linhas. As linhas não se encerram como pontos em uma estrutura, adentram também outras paisagens, formando outros bairros, cidades e regiões metropolitanas. Vale lembrar que um movimento de territorialização só acontece mediante agenciamentos. São esses agenciamentos, além das linhas, que o historiador precisa decodificar para compreender a formação dos territórios que irá percorrer.

Temos aí uma dupla-tarefa: acompanhar, por um lado, a formação de um território que constrói a partir de agenciamentos e linhas, e identificar, por outro, como esses agenciamentos e linhas envolvem os processos de territorializações de espaços.

Como historiadoras, percebemos os movimentos que fazem parte dos processos de subjetivação na paisagem urbana da cidade de Canoas na década de 2000. Refletimos: como mapear os territórios de existência de moradores que vivenciaram o processo historicamente verificável no qual se insere a urbanização da cidade? É nesse sentido que sugerimos a construção de uma cartografia. Antes, porém, uma interseção: acreditamos ser necessário, no contexto desse artigo, tecer considerações gerais sobre algumas das noções de Deleuze e Guattari, bem como estabelecer revisão bibliográfica sobre as produções que dialogam com suas obras no Brasil.

2. UM ENCONTRO COM DELEUZE & GUATTARI

Através desse encontro, desejamos desvelar significados, situar conceitos – afinal, de onde estamos falando? Certamente não se trata de um lugar comum aos historiadores. Um contato imediato com a teoria de Deleuze e Guattari exige, portanto, que o profissional da História trilhe por caminhos, percorrendo territórios vizinhos às suas práticas. A partir dessa constatação, pretendemos evidenciar algumas das problematizações das ideias de Deleuze e Guattari no Brasil, componente que julgamos ser imprescindível no contexto em que esse artigo é configurado.

Uma breve revisão bibliográfica torna evidente o distanciamento da História em relação ao pensamento de Deleuze e Guattari, por mais que os pesquisadores interessados na obra dos autores adotem uma postura multidisciplinar². Por outro lado, é notável não só a presença quantitativa dos estudos baseados em Deleuze e Guattari em áreas como a Educação, a Filosofia, a Psicologia, a Geografia e a Comunicação, mas, sobretudo, a credibilidade dos trabalhos realizados³. Em História, deparamo-nos com uma interessante perspectiva de estudo, verdadeiro platô de multiplicidade

em meio ao deserto que, por seu pioneirismo, merece ser citado aqui. Trata-se de um grupo de pesquisa chamado *Deleuze/Guattari e Foucault: elos e ressonâncias*, desenvolvido por Hélio Rebello Cardoso Jr. E Luiz Benedicto Lacerda Orlandi, entre outros profissionais.⁴ Diante desse quadro de contribuições, mas também de ausências, a questão se desloca para o(s) posicionamento(s) que os historiadores podem assumir diante do cenário em que estamos adentrando.

Assim como na edição brasileira da obra *Mil Platôs*, vamos começar nossa incursão pela *teoria das multiplicidades*⁵ a partir do conceito de *rizoma*. Ele é a nossa porta de acesso a outros princípios que desejamos aqui descortinar. É que rizoma, entre tantas outras expressões atípicas com as quais vamos nos deparar, ao ler os escritos de Deleuze e Guattari, é um conceito construído e agenciado. Os autores declaram que “é um problema de escrita: são absolutamente necessárias expressões inexatas para designar algo exatamente” (1995, p. 32).

Rizoma é um termo originário dos estudos em Botânica, que designa, tradicionalmente, um tipo específico de caule que cresce e alastra-se múltipla e horizontalmente, em diversas direções e não possui centro gerador (caso da árvore). Nesse sentido, segundo Deleuze e Guattari, a lógica rizomática deveria ser potencializada em termos de um pensamento inventivo. Essa é uma das características primordiais de sua filosofia: a construção de conceitos capazes de pensar e problematizar o mundo a partir do múltiplo e não através de lógicas binárias e dualistas. Segundo os próprios autores: “ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos” (1995, p. 25).

A partir desses primeiros esclarecimentos temos algumas proposições para serem pensadas, tais como: de que modo a História está enraizada? E, nesse caso, como podemos acoplar novas raízes àquelas já estratificadas, dando-lhe novos usos? Trata-se de fazer uma História Rizomática ou Geo-História, conforme Roberto Machado (apud HAESBAERT e BRUCE, 2002, p. 8):

Sua característica mais elementar é o fato de ela se propor mais como uma geografia do que propriamente como uma história. [...] Em vez de constituir sistemas fechados, pressupõe eixos e orientações pelos quais se desenvolve. O que acarreta a exigência de considerá-lo não como uma história linear e progressiva, mas privilegiando a constituição de espaços, de tipos.

Pensando essas questões em relação ao nosso contexto de pesquisa – um bairro da região metropolitana de Porto Alegre –, retomamos a ideia de investigar o seu processo de urbanização a partir das múltiplas linhas que o atravessaram ou produzir rizomas, como dizem Deleuze e Guattari (1995, p. 32):

Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões; mas também linha de fuga ou de desterritorialização, como dimensão máxima segundo a qual, seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.

Lembramos que, para os autores, um território só existe quando lhe é conferida alguma expressividade. E mais: só acontece mediante agenciamentos. São esses agenciamentos que o historiador deve dirimir para perceber a formação dos territórios que irá percorrer. Por esse motivo é importante ressaltar que “num primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação” (HAESBAERT e BRUCE, 2002, p. 14). Um agenciamento também é atravessado por linhas, pois “comporta elementos heterogêneos, tanto da ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 381). Acompanhar um território de existência é, portanto, identificar agenciamentos para então desconstruí-los e perceber as múltiplas linhas que o compõe. Uma vez explicadas as coordenadas rizomáticas (linhas, agenciamentos, movimentos) nas quais o estudo está baseado, partimos, exclusivamente, para uma explicação sobre a ideia de cartografia.

3 TEMPO, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE: PROPOSIÇÕES PARA A PRÁTICA DE UMA CARTOGRAFIA

Um desdobramento: nessa seção, queremos intensificar uma perspectiva de estudo em História Urbana através do enlace de fontes orais com a prática da teoria das multiplicidades, já evidenciada anteriormente. Temos um foco principal: compor uma cartografia. A cartografia, no entanto, trata-se de uma abordagem considerada antes como uma prática do que um simples recurso teórico. Tal prática, de termologias metafóricas e narrativas não convencionais, coloca a nossa noção de método de cabeça para baixo, como declarou Tânia Maria Galli Fonseca (2004). Um breve roteiro de esclarecimentos sobre a cartografia é exposto, então, traçando algumas conexões e atalhos.

A ideia de uma cartografia pode ser definida, antes de tudo, como uma prática que se refere às estratégias de formação do desejo no campo social. A concepção de desejo indissociável do real social histórico parte dos trabalhos em conjunto de Deleuze e Guattari (DELEUZE e PARNET apud ROLNIK, 2006, p. 29).

Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos.

Na obra “Micro-política: Cartografias do desejo”, os parceiros de escrita Suely Rolnik e Félix Guattari, dedicam um dos capítulos ao tema “Subjetividade e História”. Nesse espaço, Guattari sentencia que “a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (2005, p. 36). E para aqueles que supõem que, nesse ponto, a História perde seu chão em busca somente das subjetividades, o pensador declara que não há uma contraposição entre outras relações de produção, como econômicas, e as produções da subjetividade, pois existem produções – ao mesmo tempo – materiais e semióticas. O olhar não deve estar atento para os determinantes de uma produção ou outra, mas, antes, compreender as linhas e conexões entre essas produções. Ou, como diz Guattari: “toda a questão está em elucidar como os agenciamentos de enunciação reais podem colocar em conexão essas diferentes instâncias” (p. 39). Ou seja, a cartografia, quando pensada em relação à História, não contraria a visibilidade já cadenciada por esta disciplina, apenas propõe um desdobre que faz parte do mesmo recorte do real, só que acessado por outro ângulo, o micro-político.

Segundo Suely Rolnik (2006, p. 11), a micro-política refere-se àquelas “questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva”. Mas atenção: a micro e a macro-política em nada têm a ver com jogos de escala, de maior ou menor. Há uma diferença de natureza e não de grau. A mesma autora nos fornece uma contundente explicação sobre cartografia e afirma que (ROLNIK, 2006, p. 29):

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais universos vigentes tornam-se obsoletos.

A hipótese fornecida pela prática de uma cartografia – de acompanhar a formação e de mundos – nos indica uma importante ferramenta de trabalho para realizar um estudo de caso em um bairro formado predominantemente por (i)migrantes. Mundos estão sendo transformados, afetos ainda são obsoletos e a urbanização não tomou todos os sentidos. Cartografar é seguir o movimento e, mais do que isso, inscrever-se nele. A cartografia, no entanto, é relativizada como um suporte metodológico, pois não determina em si uma metodologia; propõe, antes, uma discussão sobre métodos e procedimentos que se atualiza na medida em que ocorrem encontros entre sujeito e objeto (KIRST et. al., 2003, p. 91).

É buscando, portanto, marcar novos encontros entrecruzados entre sujeito e objeto, que a cartografia pretende ampliar uma discussão metodológica ao redor das possibilidades do fazer da disciplina de História, área já creditada por abrir suas portas para contribuições de pensadores que não são exclusivamente da área, como sociólogos, filósofos e antropólogos. O historiador acompanha, então, o seu objeto, e se inscreve, ele próprio, em sua cartografia, a partir de formulações. Como declara Rolnik (2006, p. 29): “a cartografia é diferente de mapa, pois é um desenho que se acompanha e faz ao mesmo tempo em que movimento de transformação de paisagem”. Há um enlace com o objeto e não o distanciamento dele. É por isso que Deleuze nos diz que a tarefa do historiador é “assinalar o período de coexistência ou de simultaneidade de dois movimentos” (DELEUZE apud CARDOSO, 2005, p. 114). E como fazer isso? Através de uma *cartografia da memória*, composta a partir de depoimentos orais, nos quais há um firmamento no encontro entre passado e presente. E assim, vamos nos aproximando da principal proposta desse estudo.

Em Educação, falou-se em uma cartografia da dor e da punição (UCHOA, 2005). Em Arquitetura, afirmaram-se cartografias urbanas⁶. Em uma pequena incursão, a historiadora Sandra Pesavento já clamou por uma cartografia do social (2003). Neste trabalho, propõe-se uma cartografia da memória. Até o momento, somente deixamos rastros sobre este conceito. E não poderia ser de outra forma: estamos em pleno “olho do furacão”, formando e compartilhando passo a passo critérios e ferramentas.

Dentre os princípios apontados por Deleuze e Guattari para fazermos rizoma, como os de *conexão* e *heterogeneidade* e o de *multiplicidade*, o de *cartografia* certamente é aquele mais explorado em outros escritos. É que esse conceito parece abarcar todos os outros: fazer cartografia é fazer o múltiplo e sempre desenhar mapas heterogêneos com infinitas conexões. A cartografia trata-se, sobretudo, de uma prática. Prática, nesse caso, do fazer de uma história rizomática que se refere às estratégias de formação

do desejo no campo social da urbanização de uma região, manifestadas em determinados territórios de existência.

Nossa atenção deve se voltar para algumas categorias do campo da história, como a de tempo e a de memória. Virgínia Kastrup, em artigo (2003), diz que o tempo tem na modernidade duas expressões, em especial: o tempo histórico e a eternidade. Falemos, nesse caso, do tempo histórico, este em que o passado desaparece por definitivo e só existe se conservado e comprovado através de documentos e objetos. Virgínia diz que “o modelo desse tipo de temporalidade é a revolução, a ruptura, o corte radical e definitivo com o passado anterior” e que “a modernidade fala de períodos históricos, epistemes, mentalidades, em virtude da coesão sistemática de certo conjunto de elementos” (KASTRUP, 2003, p. 58). É a história estrutural. Pensando em uma cartografia, essa concepção de tempo seria minimizada em prol da iluminação de sujeitos e momentos híbridos, poli-temporais; ao contrário de uma coesão sistemática de objetos homogeneizados temporalmente. Aquilo que é chamado de discurso – descrição e narrativa na lógica cartesiana – é do ponto de vista cartográfico uma produção existencial, na qual os movimentos de pesquisa são também movimentos do viver (KIRST et al., 2003, p. 100). O tempo deixa de ser fatiado em três realidades, para dar lugar a uma coexistência entre passado, presente e futuro (KIRST et al., 2003, p. 99):

na pesquisa cartográfica, o tempo pulsa, pois se evidenciam os modos pelos quais os sujeitos se percebem, experimentam e narram a passagem do tempo em suas próprias vidas e naquilo que estudam. (...) O tempo, tomado na pesquisa como parte do procedimento cartográfico, orienta-nos à desterritorialização/reterritorialização promovidas na performance sujeito-objeto.

Há, ainda, uma segunda categoria para ser rastreada por um cartógrafo em relação à História. Após o rompimento com aquele tempo estrutural, o tradicional mapa do historiador, traçado a partir da exterioridade, é deixado de lado para dar lugar a outro olhar que objetiva perceber os movimentos de criação das realidades num determinado contexto histórico, marcado, também, pela memória. Como, senão através da memória, se faz uma história cartográfica, discutida anteriormente, que entrecruza temporalidades? Na concepção cartográfica, o passado subsiste no presente engendrando o novo (RAUTER apud MAIRESSE, 2003, p. 267). Trata-se de uma memória imemorial, uma tática geradora de sentidos, que busca no passado apenas um potencial para realizar-se como recordação e não uma temporalidade *a priori*. É aí que a própria noção de esquecimento passa a ter um sentido de ação para memória (RAUTER, 2000, p. 42):

É o esquecimento que possibilita o acesso a esta “outra memória”. É o esquecimento que permite que conservemos o passado como um plano de intensidade, um plano onde surgirão os materiais da obra de arte – que não coincidem mais com figuras específicas do nosso passado, mas que se referem ao que nelas corresponde a esta superfície intensiva.

Deleuze nos fala de uma *memória involuntária*, que surge a partir de fatores de a(fé)tivação: um movimento corporal, um passeio, uma música. Segundo Cristina Rauter (2000, p. 30): “uma atividade ativa de memorização [...] de nada serviria, pois é obra da razão e se liga aos usos da história que tornam o passado coveiro do presente”. Essa que também é uma memória intensiva é contatada por outras vias, subjetividades e maneiras de fazer a História, e não só aquele ligado a comprovações fidedignas ou que se pretendam como tais. Vamos, então, em busca dessas fontes, fatores de a(fe)tivação de nossa cartografia.

As fontes orais, conforme nos indicou Penna (2005), representaram uma renovação nos estudos em História, especialmente a partir da década de 1970. As ideias aqui discutidas dos processos de subjetivação sofreram um aprofundamento, especialmente, a partir do uso das fontes orais. Não à toa, os depoimentos orais iluminam diferentes versões sobre um passado que se quer tornar compreensível, ou como diz Michel de Certeau (1998, p. 153) “no relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma realidade e dar credibilidade ao texto pelo “real” que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção”.

Esses espaços compõem a nossa cartografia. Sabe-se que uma fala é sempre captada a partir de um determinado ângulo. Nas redes de falas, podem-se encontrar segmentos, articulações ou mesmo espaços vazios. Com o objetivo de encontrar esses elementos e outros, seguimos para a prática de uma cartografia.

4. MAPEAMENTO FALAS, DESVELANDO MEMÓRIAS: A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS DE EXISTÊNCIA NO BAIRRO DE FÁTIMA

Chegou o momento de penetrarmos na paisagem que estivemos construindo. Marcamos três encontros: você pode escolher através de qual deles quer conhecer o Bairro de Fátima. Tanto faz: as linhas se entrecruzam a todo instante. Somente no final de cada encontro se lança uma cartografia, a partir do traçado de vozes⁷ que compõem os mapas da nossa paisagem-bairro.

4.1 A formação do Bairro de Fátima a partir de um movimento de reterritorialização

A formação histórica do Bairro de Fátima está relacionada, profundamente, às linhas de segmentação. Explicamos: as linhas de segmentação são as mais duras e fortes em um plano. Elas formam o núcleo duro do bairro, caracterizando fatos, locais e lembranças oficiais. São linhas fáceis de identificar, pois as imagens que elas geram são aquelas que já possuídas antes mesmo de uma paisagem ser percorrida. São elas que permanecem na memória, como pontos de referência de uma estrutura. Essas linhas sempre voltam ao original, ao pioneiro, ao territorial. Vamos acompanhá-las mais de perto através de um mapa de vozes⁸ para, em seguida, cartografá-lo. A transcrição das entrevistas seguiu indicações de Urbano e Preti (1990).

A formação do bairro: mapa de um movimento de reterritorialização

Linha-pioneiros	“[...] eram tudo descendentes de alemães. Geralmente eles dão o nome de ex-proprietários, tem uma rua aqui, a rua da passarela, na Fátima que é também o nome do proprietário...” (Osmar José Arnecke, 2007)
Linha-povoamento	“é que os colonos que vieram, muitos ai vieram com mãe...com pai aí né , que vieram pra cá comprar essas terras) (...) e que lotearam tudo (...) e eles vieram pra cá em chácaras, faziam chácaras...” (Nilton Leal Maria, 2007)
Linha-centro	“[...] porque o pessoal do CENTRO do bairro mesmo, é praticamente os mesmos...é um bairro que não tem muita rotatividade né, a maioria são proprietários...É um bairro, como eu citei, estritamente residencial, né” (Nizzoretti Américo, 2007)

As vozes nos indicaram que o Bairro de Fátima é formado predominantemente por três tipos de linhas de segmentação: linha-pioneiros, linha-povoamento e linha-centro. A linha-pioneiros é assim considerada (e nomeada), porque marca uma das principais imagens da nossa paisagem: o Bairro de Fátima é sempre lembrado por seus migrantes e imigrantes, especialmente os de descendência alemã. Já a linha-povoamento dá expressividade territorial à formação do Bairro de Fátima, caracterizando locais e construções. A linha-centro é resultado de uma confluência entre as outras

duas linhas; isso porque a linha-pioneiros e a linha-povoamento fazem conversão o tempo todo, dos fluxos em direção a um núcleo centralizador.

Ao acompanharmos a criação de um mapa de vozes, percebemos que a formação do Bairro de Fátima está relacionada à ocupação realizada por migrantes e imigrantes. Mas não podemos observar aí somente a territorialização de um local. É que para esses migrantes construírem seus territórios de existência no Bairro de Fátima, mundos foram deixados para trás (desterritorializações). Um movimento de desterritorialização sempre é impulsionado por linhas de fuga, que tão logo se reterritorializam.

Em um determinado contexto — o da formação das cidades metropolitanas brasileiras —, essas linhas de fuga convergiram em territórios específicos, ao redor das capitais econômicas, centro de trabalho e poder. Identificaram-se, nesse sentido, linhas de fuga guerra, linhas de fuga pobreza, linhas de fuga trabalho. Eis um movimento de reterritorialização. As linhas de fuga acharão um território para firmarem-se novamente: o Bairro de Fátima, assim como tantos outros. E não foram mais as mesmas: por isso, vamos acompanhar agora como essas linhas se territorializaram e ganharam expressividade.

4.2 A urbanização do Bairro de Fátima a partir de um movimento de territorialização

Neste encontro se quer buscar os componentes de territorialização do Bairro de Fátima. Tudo o que temos conhecimento, por enquanto, é que um movimento de territorialização é feito a partir de agenciamentos. Os agenciamentos podem ser de qualquer tipo e se dão sempre a partir de conexões, acoplando elementos em função de um fim específico. Nesse sentido, os agenciamentos serão nossos fatores de identificação da construção de territórios de existência no Bairro de Fátima.

O agenciamento trabalhador-transporte tem uma função específica de territorialização: ele impulsionou territórios de existência de muitos trabalhadores que fizeram daquele Bairro o seu lar. Já o agenciamento casa-dormitório mostra onde repousam os trabalhadores que frequentam a região. O Bairro de Fátima não é um bairro operário, mas encontramos lá, muitas pessoas que deixavam suas casas todos os dias de manhã e retornavam somente ao final do dia. Eis mais uma conexão. A casa agencia-se como um dormitório. E ainda: o agenciamento loteamento-construção evidencia o estabelecimento de territórios de existência a partir de transformações: asfalto para as ruas, pedras para as calçadas. Um palpite: não se trata somente de construções materiais, mas de construções existenciais.

A urbanização do bairro: mapa de um movimento de territorialização

Agenciamento trabalhador- -transporte	“Agora é a Estação Fátima do trem. BEM ALI, bem ali era a parada vinte e sete....era muito bom a gente se divertia bastante porque a gente tinha uma turma...[...] era a amizade da gente era aquela do trem e do trem pra casa ida e vinda e volta né:: então a gente vivia naquele mundo de trabalho” (Eli de Souza Schein, 2007)
Agenciamento casa-dormitório	“Quase toda a Canoas, quase toda a Canoas, é assim, hoje. As pessoas nasceram em Canoas, mas até uns anos atrás inclusive Canoas era considerada dormitório de Porto Alegre, pessoas que saiam de manhã pra trabalhar e só voltavam pra dormir.” (Carlos Eduardo do Nascimento, 2007)
Agenciamento loteamento- -construção	“Então essas pessoas ao acabarem com as chácaras, muitos foram loteando a área...tinha que pagar imposto então foram loteando, foram vendendo, e o que aconteceu aqui também. Então eles foram, foi caindo, então o que eles fizeram, tinha uma área, tinham que lotear e foram loteando.” (Nilton Leal Maria, 2007)

Pudemos acompanhar para onde as linhas de formação do Bairro de Fátima apontavam. Eis que agora estamos dentro delas, no movimento de territorialização: ele nos fez conhecer os principais componentes de atribuição de sentido à nossa paisagem-bairro. Os nossos mapas mostraram esses componentes a toda hora: a territorialização está na criação oficial do Bairro a partir do nome de Fátima, está no loteamento das antigas chácaras. Também no registro de pontos oficiais para o Bairro. A territorialização está na construção de casas, no calçamento das ruas e no transporte que leva e traz os moradores. A territorialização está, sobretudo, na transformação, na destruição de um mundo que dá lugar a outro. Nesse sentido, sentenciamos que a urbanização é a própria territorialização do Bairro de Fátima, pois foi a partir dela que os territórios de existência que contemplamos foram construídos. Só que nunca sem deixar fios desencapados: todo território contém microburacos negros. É por isso que chegou a hora de continuarmos o caminho, em busca das linhas de fuga que escaparam ao movimento que acabamos de percorrer.

4.3 A atualidade no Bairro de Fátima a partir de um movimento de desterritorialização

Chegamos a um dos nossos momentos favoritos: enquanto percorríamos a paisagem e notávamos as construções que o olhar permitia dimensionar, uma inquietação se fez latente: é que os mapas haviam mostrado até agora uma faceta oficial e histórica do Bairro, ligadas às linhas de segmentação e aos agenciamentos. Agora, vamos traçar linhas de fuga, intensidades atuais do Bairro de Fátima.

Identificaram-se três linhas de fuga: a linha-invasão representa uma tomada dos territórios de existência dos moradores do Bairro. Tratam-se do parque, da igreja, dos campos de futebol. Todos aqueles elementos convergem para o centro oficial. Mas existem invasões do tipo sonoras, como no Carnaval que acontece no parque, situado em uma das bordas do Bairro. Invasões da violência, através dos conflitos entre gangues urbanas. Invasões visuais, na pobreza que cerca o Bairro. As fronteiras estão sempre se abalando, e novos reflexos surgem.

Traçamos, então, uma linha-condomínio. Uma dobra da linha-invasão, que cria mecanismos de proteção: são os condomínios fechados, muros, grades, portões e cadeados. E por fim, a linha-vizinhança, para evidenciar as rupturas e as permanências nas relações de existência que flutuam no Bairro de Fátima. As subjetividades estão latentes quando um condomínio construído impede uma maior aproximação ou quando se remete ao “tempo das casas sem cerca” ou à “época em que se podia confiar nos vizinhos”. O mapa é, portanto, de desterritorialização.

A atualidade do bairro: mapa de um movimento de desterritorialização

Linha de fuga-invasão	“Então a gente observa que tem, tá vindo de fora é esse pessoal né...um pessoal muito pobre, que tão ficando na volta do bairro né...isso de uma certa foram, é...causa cada vez mais uma insegurança né...com aquele pessoal ali que...porque não são pessoas conhecidas, são pessoas que não são do meio né...” (Nizzoretti Américo, 2007)
Linha de fuga-condomínio	“Agora a notícia é essa construção esse condomínio aí né; então acho que isso TINHA UM BARRERO AQUI e [...] diz que eram muito até TODA A CRIANÇADA da zona do bairro aqui ia tomá banho naquele barrero mas olha GENTE MESMO assim iam tudo lá naquele barrero, tinha um nome... agora ta tudo...tudo...feito condomínio em cima ali...” (Inês Dubles, 2007)

**Linha de fuga-
-vizinhança**

“O que eu mais gosto no bairro acho que é esse próprio: relacionamento: entre: vizinhos, né, ali quase todo mundo se: conhece, isso é muito, muito bom, digamos assim, manter essa, essa relação, né, porque as vezes um, um vizinho é muito mais do que um parente”

(Carlos E. do Nascimento, 2007)

Percebemos que as linhas, para além de como cortam o território, fazem conexões entre si. Por meio de uma cartografia, um historiador pode explicar de que modo os mapas que ele monta no tempo podem ser agenciados e estão conectados em relação aos movimentos que cortam os territórios. E assim, fizemos uma cartografia de um movimento de desterritorialização: invasões nas bordas do espaço do Bairro de Fátima, flexibilização de fronteiras, nominação de figuras-tipo estranhas ao Bairro. É uma invasão, principalmente, das subjetividades construídas. As dobras desse processo são marcadas a partir da construção de condomínios fechados e da alteração das relações de existência entre os vizinhos.

A desterritorialização de um Bairro fundado a partir de um núcleo de “boa vizinhança”, onde “todos se conhecem” e os “terrenos são passados de pais para filhos” manifesta-se na venda desenfreada de terrenos por conta das invasões; são as festas populares onde moradores de toda a cidade “ocupam” o território do Bairro de Fátima; é a violência que constrói, ela própria, muros mais altos. São desdobramentos, em última instância, do nosso primeiro encontro. Cartografia fizemos, enfim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem falou até aqui: historiadoras metamorfoseadas em cartógrafas que caminharam pelas ruas de um Bairro de sua cidade, em uma intensificação de suas personalidades que desejavam fazer movimento em seu próprio território: uma cartografia para a História.

A cartografia é, sobretudo, uma inovação de caráter teórico-metodológico em relação ao fazer histórico. Ao problematizar conceitos-chave para os domínios da História, se torna uma importante estratégia de acompanhamento da ampliação cada vez maior a que o conjunto de fontes históricas tem sido submetido na década em que estamos escrevendo. Além de traçar alianças multidisciplinares, a cartografia reivindica seu uso pela historiografia em momentos como os da atualidade, em que as subjetividades são latentes à nossa volta e merecem serem trabalhadas, também, pelo historiador.

Cartografar é acompanhar, é fazer e refazer-se. Possui um caráter inacabado, relacionando-se com a história do tempo presente, em constante processo de reescrita, como coloca Bédarida (1996). O fazer cartográfico rompe com o tempo linear e histórico; a cartografia é, inclusive, ela mesma, anti-histórica, pois está aí para abrir portas e transpor os limites dos fazeres da nossa época, e propõe sistemas a-centrados, destituídos de hierarquias e lógicas binárias. Coloca-se não para representar sistemas já existentes, mas para inventar, como nos disseram Deleuze e Guattari. A atenção voltada para essas cartografias, aliadas ao uso de fontes orais, além de estimular pesquisas já aprofundadas em relação à memória, ao tempo e à narrativa em História, forjam novas máscaras para a historiografia, essa escrita que já nasce querendo renovar-se.

FOR A RYZOMATHIC HISTORY: THEORETICAL-METHODOLOGICAL NOTES ABOUT THE PRACTICE OF A CARTOGRAPHY

ABSTRACT: The paper intends to share theoretical and methodological notes embedded in a survey conducted in a metropolitan city in southern Brazil. The work was supported by studies jointly developed by Gilles Deleuze and Felix Guattari. The main idea is the adopted practice of a mapping that relies primarily on the use of oral testimony. The concepts of time, memory and subjectivity are problematized, deployed in a case study that aspired to investigate the construction of territories of existence of the inhabitants from a particular neighborhood of the city cast, from the urbanization process that (re)configured the region after the 1960s.

KEY WORDS: Ryzomathic history, Migration, Cartography.

NOTAS

- 1 Na França, a obra “Mil Platôs” foi lançada como sendo o segundo volume (o primeiro fora “O Anti-Édipo”) da obra “Capitalismo e Esquizofrenia”. Já no Brasil, o “Anti-Épido” ganhou edição exclusiva, assim como “Mil-Platôs”, que foi desmembrada em cinco volumes.
- 2 São exemplos de publicações multidisciplinares as seguintes obras: FONSECA, T. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003; FONSECA, T e ENGELMAN, S. *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre, UFRGS, 2004; CRUZ, Jorge. *Gilles Deleuze: sentidos e expressões*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.
- 3 A maioria das pesquisas está solidificada em trabalhos de Pós-Graduação e publicações conseqüentes de grupos de pesquisa. Este é o caso de parte dos

trabalhos desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia, Educação e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

- 4 O Projeto está ativo desde 2002 e é certificado pelo CNPq e pela FAPESP. Consultar: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330701C9P631W#identificacao>
- 5 *A teoria das multiplicidades* ou *filosofia da diferença* resgata a produção subjetiva da criação e produção do conhecimento. Seus autores são híbridos e não pertencem a nenhuma “escola” de pensamento em específico. Pode-se citar os nomes de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Pierre Lévy, Michel Serres e Antonio Negri como alguns dos principais agenciadores dessas teorizações.
- 6 Consultar o Projeto Arquitetônico e Planejamento Urbano “*Cartografando a cidade de Santa Vitória do Palmar*”, desenvolvido na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) pelo Prof. Eduardo Rocha.
- 7 Os testemunhos aqui utilizados fazem parte do Banco de Dados do Projeto “*Canoas – Para lembrar quem somos*”, desenvolvido no Unilasalle, em convênio com a Prefeitura Municipal de Canoas. O acervo encontra-se sob a guarda do Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS). O Projeto iniciou em 1994 e, desde então, tem-se pesquisado a história dos Bairros da cidade. Já foram editados 11 livros e, entre 2010 e 2012, está sendo desenvolvida mais uma etapa, com investigação sobre mais um Bairro, o 12º, de um total de 16. As entrevistas foram realizadas e os colaboradores assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
- 8 URBANO, H. e PRETI, D (org). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda, 1990.
Sobre transcrição ver também: http://www.lettras.ufrj.br/concordancia/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=58

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, M. L. C. A cartografia dos processos de escrita: uma experiência com a metodologia da sensibilidade. *Fronteiras*. Revista de Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. V, n. 1, p. 125-138, 2003.
- BÉDARIDA, François. Tempo Presente e Presença na história. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.
- CALVINO, Ítalo. *Marcavaldo ou as estações na cidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- CARDOSO, H. R. Jr. Acontecimento e história: pensamento de Deleuze e problemas epistemológicos das ciências humanas. *Trans/Form/Ação*, (São Paulo), v.28(2), 2005, p.105-116.

- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano* - 1. artes do fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CRUZ, Jorge. *Gilles Deleuze: sentidos e expressões*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.
- FONSECA, T. e ENGELMAN, S. *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre, UFRGS, 2004.
- FONSECA, T. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micro-política: Cartografias do desejo*. 7ª ed. rev. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2005.
- HAESBAERT, R. e BRUCE, G. A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *Geographia*, Niterói, v. 7, 2002, p. 7-22.
- HARDT, M. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, E. (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- LAZZARATO, M. Créer des mondes. Capitalisme contemporain et guerres esthétiques. In: *Multitudes*, 15, Art Contemporain. La recherche du dehor. Paris: Hiver, 2004. Disponível em: http://multitudes.samizdat.net/article.php?id_article=1285
- MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, T. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- MAIRESSE, Denise; FONSECA, Tania Mara Galli. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 7, n. 2, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722002000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 Sep 2008. doi: 10.1590/S1413-73722002000200013
- KIRST, Patrícia et al. Conhecimento e cartografia: tempestades possíveis. In: FONSECA, T. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. *Práticas discursivas de subjetivação em contexto escolar*. Programa de Pós-Graduação em Letras (UNESP): Araraquara, 2005.
- PENNA, Rejane. *Fontes orais e historiografia*. Porto Alegre: PUCRS, 2005.
- PESAVENTO, Sandra. Um roteiro para Clio. In: FONSECA, T. e KIRST, P. (orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

RAUTER, Cristina. A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust. In: FONSECA, T. e FRANCISCO, D. J. (orgs.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

ROCHA, Eduardo. Cartografias Urbanas: método de exploração territorial. *PROJECTARE 2: Revista Científica de Arquitetura e Urbanismo*. Pelotas: UFPel, 2008, p. 163-174.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

UCHOA, Denise. Corrigindo corpos (im)perfeitos: cartografia da dor e da punição. *Mneme – Revista de Humanidades*. Caicó (RN). Nº 7, V. 17. 2005, p. 167-200.

URBANO, H. e PRETI, D (org). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda, 1990.

REFERÊNCIAS ORAIS

AMÉRICO, Nizzoretti. Canoas, setembro de 2007. *Entrevista à Danielle Heberle Viegas*.

ARNECKE, Osmar José.. Canoas, agosto de 2007. *Entrevista à Danielle Heberle Viegas*.

DUBLES, Inês. Canoas, outubro de 2007. *Entrevista à Danielle Heberle Viegas*.

MARIA, Nilton Leal. Canoas, agosto de 2007. *Entrevista à Danielle Heberle Viegas*.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo. Canoas, setembro de 2007. *Entrevista à Danielle Heberle Viegas*.

SCHEIN, Eli de Souza. Canoas. Canoas, outubro de 2007. *Entrevista à Danielle Heberle Viegas*.

REFERÊNCIAS SONORAS

SCIENCE, Chico. A cidade. In: *Chico Science e Nação Zumbi: da lama ao caos*. Manaus: Chãos/ Sony Music, 1994. Compact Disc.

GESSINGER, Humberto. Longe demais das capitais. In: *Engenheiros do Hawaii: longe demais das capitais*. Manaus: BGM RCA, 1986. Compact Disc.